

Crioulo é tema complicado

P. — E depois, o dr. Baltazar?

R. — Não serviu de nada. E eu também não pedi nada a ninguém, absolutamente nada, mas isto soube-se, e então alguns amigos... Bom, o conto continua agora. Nesta ocasião eu fui jantar um dia com o Jacob Wahnon. Estávamos a jantar, chamaram-no ao telefone e ele foi atender. Era o Daniel Duarte Silva — hoje almirante —, e o Jacob disse *sabes quem está a jantar contigo? É o Baltazar*. E o Duarte Silva do outro lado *ah então diz-lhe que o assunto dele foi resolvido e ele foi colocado em Leiria*. Quer dizer, o Daniel mexeu-se sem eu lhe pedir! Ah, mas espere lá, o conto volta outra vez atrás. Quando eu soube que não podia ser nomeado por causa da Pide, disse *já que o meu País não quer que eu preste os serviços para que me preparei, vou para outro país, que além de ser da minha simpatia não tem a barreira da língua*.

P. — O Brasil.

R. — Marquei então, estava-se já em plena guerra, passagem no *Serpa Pinto*, que era a única ponte de ligação entre Portugal e o Brasil. Marquei passagem no dia 27 de Novembro de 1940, e entretanto colocaram-me em Leiria. Estive para não ir, mas conversei com amigos que me disseram *você vá, você vá, atrás dos tempos, tempos virão*. Fui para Leiria, mas fui apenas para me efectivar e poder concorrer em condições excepcionais para o Ultramar. Mais tarde concorri de facto para o quadro comum. No meu grupo só havia vagas em Cabo Verde, Macau e Lourenço Marques. Claro, Lourenço Marques era o alvo de toda a gente. Mas custou-me bastante trabalho que eles não me nomeassem para lá, porque dada a minha classificação, percebe... Quer dizer, mesmo para Cabo Verde custou-me!

P. — Percebo pelas datas que o dr. Baltazar foi contemporâneo em Leiria do médico dr. Adolfo Rocha, o Miguel Torga dos livros. Conheceu-o lá?

R. — Conheci. Mas não convivi com ele porque era um bocado arredio. A propósito do Torga, tive até uma intervenção que foi a seguinte. Um professor do liceu com quem eu me dava mais, Alfredo de Carvalho, que veio a ser aqui professor do D. João de Castro, diz-me um dia *você veja se me ajuda a responder a este quesiti-*

to do Torga. O Torga queria saber se a santa, não me lembro agora que santas eram, se a Santa A — vou empregar só as letras — da Ladainha vem antes ou depois da Santa B. Isto porquê? Por causa daquele conto *Ladainha*. E eu ajudei então o Carvalho a deslindar isso.

P. — No regresso a Cabo Verde (Mindelo) diz-se que o Dr. Baltazar Lopes foi professor de muitos dos actuais dirigentes do país.

R. — Sim, sim. Olhe, hoje em Cabo Verde quase todo o indivíduo que tenha digamos de 40 anos para cima, e frequência de um curso superior, passou-me pelas mãos. Eu costume dizer que tenho um capital que são centenas, milhares de ex-alunos, e todos meus amigos.

P. — Como era o dr. Baltazar professor do liceu?

R. — Um professor passeante.

P. — Peripatético?

R. — Peripatético, sim. E convivente.

P. — Se posso voltar à *Claridade*, tenho aqui duas ou três coisas mais para lhe perguntar. Por exemplo, em que cir-

“*Tenho um capital: os milhares de ex-alunos*”

cunstâncias se encontraram os dois Lopes, Baltazar e Manuel, mais Jorge Barbosa e Jaime Figueiredo?

R. — Nós dávamo-nos muito. Além disso havia um elemento aglutinador naquela altura.

P. — Quem era?

R. — Não era *quem era*, mas o *que era*.

P. — Apanhou-me. O que era?

R. — Naquela altura em S. Vicente havia o hábito, introduzido pelos ingleses, de os rapazes se reunirem em *cocktails*. Cada qual, como dizia o Jaime Figueiredo, tinha a sua jarra, o chamado *grog-cocktail*: uma parte de aguardente, duas partes de água, umas gotas de *bitter* Angostura, noz moscada e um bocadinho de vermute se houvesse. Era um elemento de aglutinação, e quem percorresse S. Vicente encontraria dezenas, se não centenas, de núcleos a beber o seu *cocktail*. Bom. E nós reuníamo-nos...

P. — Dr. Baltazar, mas ainda conseguimos dizer coisa com coisa?...

R. — O *cocktail* tinha muita água! Duas partes de água! Não era forte, e por acaso era agradável. O nosso grupo reunia-se muitas vezes em minha casa, outras em casa do Manuel Lopes, ou do Velosa, e posso dizer que estávamos muito preocupados com a situação de Cabo Verde, especialmente S. Vicente. Havia fome, falta de trabalho... Resolvemos então que tínhamos de agir e atirar pedra-

das ao governo através da Imprensa. A ideia era publicar um jornal. Mas tivemos a informação de que para isso deveríamos fazer um depósito de 50 contos.

P. — Em 1936 não era fácil arranjar 50 contos. Por outras palavras, adeus jornal.

R. — De maneira que arranjámos um *Ersatz*: publicar a *Claridade*. E por isso a *Claridade* tem um carácter militante que lhe foi transmitido pela nossa ideia inicial.

P. — Jaime Figueiredo estava nessa época no Mindelo? Já o conheci na Praia.

R. — Estava no Mindelo, sim, depois foi para a Praia. Mas o Jaime era difícil. Ele era um esteta. Faz-me lembrar muito o Gualdino Gomes: um homem mais para a conversa. De certo modo incompatibilizou-se, retirou-se. E não interveio na *Claridade*. Interveio apenas opinando sobre a orientação gráfica.

P. — Em 1927 José Osório de Oliveira está em Cabo Verde, é ali director dos Correios. O dr. Baltazar nesse tempo vive em Lisboa. Com quem privava ele, Osório? Porque quando se fala dos antecedentes da revista, fala-se dele.

R. — Privava com o Jorge Barbosa. Eu só vim a conhecê-lo em 1938. Acabei o curso de Filologia Românica em 1930 e fui logo para Cabo Verde, de onde saíra entretanto o José Osório.

P. — A história d'A caderneta data de quando?

R. — De 1935, 1936.

P. — Está tudo dito sobre a alegada influência dos brasileiros na *Claridade*, em particular do romance do Nordeste. A minha curiosidade é ao lado: onde arranjavam esses livros?

R. — Aconteceu para já o seguinte: o nosso grupo esteve sempre muito mais actualizado do que os intelectuais portugueses sobre o romance brasileiro de 30 e até sobre a Semana de Arte Moderna (1922).

P. — Como souberam da Semana?

R. — Através do jornal *Literatura*, do Rio de Janeiro, que depois desapareceu. Quem no-lo deu a conhecer foi um patriótico nosso, Francisco Vera Cruz, a quem pedíamos jornais; e havia também um rapaz em S. Paulo, Delfim de Faria.

P. — Vera Cruz e Faria mandavam-vos Imprensa e livros?

R. — Exactamente. Foi por aí que tomámos conhecimento do romance do Nordeste, e mandámos vir. Eu tinha tudo! Até aconteceu uma coisa engraçada, e ao mesmo tempo desengraçada. Um dos livros que mandei vir foi o *Mar Morto*, do Jorge Amado. Gostei muito, muito do *Mar Morto*. Quando vim para Lisboa fazer o estágio, em 1938, o Jorge Amado estava interdito em Portugal. Ora havia uma rapariga, minha condiscípula no estágio, que falou comigo do livro e tinha muita vontade de o ler. E eu *sim senhor, posso emprestar, mas olhe que é tabu*. Diz ela *está bem, eu tenho cuidado*. Dei-